

TRABALHO E CRISE CLIMÁTICA: POR UMA SOCIOLOGIA ECOLÓGICA DO TRABALHO

Professor: Adalberto Cardoso

Terças-feiras, 16 a 19hs

A literatura sobre mudanças climáticas e trabalho tem privilegiado três abordagens principais: os impactos climáticos sobre setores econômicos específicos, os efeitos das políticas de transição energética sobre o emprego e os mercados de trabalho, e a vulnerabilidade de trabalhadores a eventos extremos. Embora relevantes, essas perspectivas tendem a tratar a crise climática como fator externo que incide sobre um mundo do trabalho previamente constituído. Este curso propõe deslocar o foco analítico para as relações ecológicas que tornam possível a própria realização e reprodução do trabalho. Partindo da concepção marxiana do trabalho como metabolismo entre sociedade e natureza e dialogando com contribuições da ecologia marxista, da ecologia política latino-americana e do ecofeminismo, o curso testará a viabilidade do conceito de crise ecológica do trabalho. Ele denota situações em que perturbações ecológicas associadas à dinâmica da acumulação capitalista afetam simultaneamente a capacidade de realizar trabalho e as condições materiais e sociais de reprodução da força de trabalho. Pretende-se abordar esse processo por meio de três mediações centrais: corpo, infraestruturas e cuidado, que conectam transformações ambientais, relações de trabalho e reprodução social. Será abordada também a bibliografia que discute como desigualdades socioambientais distribuem de forma desigual os custos da crise climática, com especial atenção ao Sul Global e ao Brasil. A ideia é investigar a hipótese de que a crise climática não constitui apenas um problema ambiental que afeta o trabalho, mas uma crise das próprias condições ecológicas que sustentam a atividade laboral e a reprodução da vida social, abrindo caminho para uma sociologia ecológica do trabalho.

Objetivos específicos

1. Reconstituir as principais formulações teóricas sobre trabalho, metabolismo social e natureza.

2. Examinar as contribuições e divergências entre ecologia marxista, ecologia-mundo, ecofeminismo, teoria da reprodução social e Environmental Labour Studies.
3. Desenvolver e discutir criticamente o conceito de crise ecológica do trabalho.
4. Analisar corpo, infraestrutura e cuidado como mediações articuladas da crise.
5. Investigar a distribuição dos custos ecológicos entre empresas, Estado, trabalhadores, famílias e comunidades.
6. Examinar resistências, organizações coletivas e gramáticas de justiça produzidas pelos sujeitos afetados.
7. Analisar as especificidades do Sul Global, da América Latina e do Brasil.
8. Elaborar problemas e estratégias de pesquisa para uma sociologia ecológica do trabalho.

Sessão 1 — Introdução: por uma sociologia ecológica do trabalho

Apresentação do curso

Exposição do argumento geral. A crise climática como crise das condições de realização e reprodução do trabalho. O deslocamento analítico dos “impactos do clima sobre o trabalho” para as relações ecológicas constitutivas do trabalho. As três mediações — corpo, infraestrutura e cuidado — e a dupla dimensão da crise: corrosão de condições e campo de conflito. Apresentação da estrutura, da dinâmica e das formas de avaliação do curso.

Questões orientadoras

- Por que a crise climática exige uma revisão das categorias da sociologia do trabalho?
- Em que sentido o trabalho é uma mediação simultaneamente social e ecológica?
- Como distinguir crise ambiental, risco ocupacional e crise ecológica do trabalho?
- Por que resistências e formas de organização coletiva devem integrar a definição da crise?

Sessão 2 — Mudanças climáticas e trabalho: a constituição de um campo de estudos

Conteúdo

As três abordagens predominantes na literatura: impactos climáticos sobre setores econômicos; consequências da descarbonização para empregos e mercados de trabalho; vulnerabilidade dos trabalhadores a eventos extremos. O desenvolvimento dos Environmental Labour Studies. Emprego, sindicalismo e políticas ambientais. Alcances e limites da abordagem que trata o clima como variável externa ao mundo do trabalho.

Questões orientadoras

- Como a literatura especializada tem incorporado as mudanças climáticas?

- Quais dimensões do trabalho aparecem e quais permanecem invisíveis?
- O que os Environmental Labour Studies acrescentam à sociologia do trabalho?
- Como superar o dilema entre “empregos” e “meio ambiente”?

Leituras obrigatórias

UZZELL, David; RÄTHZEL, Nora. Mending the breach between labour and nature: a case for Environmental Labour Studies. In: RÄTHZEL, Nora; UZZELL, David (org.). *Trade Unions in the Green Economy: Working for the Environment*. London: Earthscan/Routledge, 2013. p. 1-18.

RÄTHZEL, Nora; UZZELL, David. Trade unions and climate change: the jobs versus environment dilemma. *Global Environmental Change*, v. 21, n. 4, p. 1215-1223, 2011.

Leitura complementar

IPCC. *Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022. Trechos selecionados.

ILO. *Working on a Warmer Planet: The Impact of Heat Stress on Labour Productivity and Decent Work*. Geneva: International Labour Organization, 2019. Trechos selecionados.

Sessão 3 — Marx: trabalho, natureza e metabolismo social

Conteúdo

O trabalho como processo entre seres humanos e natureza. Trabalho útil, produção de valores de uso e reprodução da vida. O conceito de metabolismo — *Stoffwechsel*. A interlocução de Marx com Justus von Liebig. Agricultura capitalista, fertilidade do solo e ruptura dos ciclos de nutrientes. Terra e trabalhador como “mananciais de toda riqueza”. A contradição entre os tempos da acumulação e os ritmos da reprodução ecológica.

Questões orientadoras

- Qual é o estatuto da natureza na teoria marxiana do trabalho?
- Como se articulam exploração do trabalho e degradação da natureza?
- O metabolismo é uma categoria ontológica, histórica ou ambas?
- É possível recuperar a dimensão ecológica de Marx sem transformá-lo retrospectivamente em um ambientalista?

Leituras obrigatórias

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013. Capítulo sobre o processo de trabalho e trechos sobre grande indústria e agricultura.

MARX, Karl. Crítica ao Programa de Gotha. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, v. 2, p. 203-225, s.d. [1875]. Trechos selecionados.

Leituras complementares

LIEBIG, Justus von. *Chemistry in Its Application to Agriculture and Physiology*. London: Taylor and Walton, 1840. Trechos selecionados.

BATTISTONI, Alyssa. Bringing in the work of nature: from natural capital to hybrid labor. *Political Theory*, v. 45, n. 1, p. 5-31, 2017.

Sessão 4 — Ecologia marxista: falha metabólica e crítica do produtivismo

Conteúdo

O debate sobre o suposto produtivismo de Marx. A reconstrução da ecologia marxiana por John Bellamy Foster, Paul Burkett e Kohei Saito. Falha metabólica, ruptura ecológica e ruptura corporal. Os estudos tardios de Marx. A crítica ecológica da acumulação capitalista. Ecossocialismo e decrescimento.

Questões orientadoras

- A crise ecológica constitui uma contradição estrutural do capitalismo?

- O conceito de falha metabólica pressupõe uma separação entre sociedade e natureza?
- Em que medida Saito modifica a interpretação tradicional do desenvolvimento das forças produtivas?
- Quais relações podem ser estabelecidas entre ecologia marxista, ecossocialismo e decrescimento?

Leituras obrigatórias

FOSTER, John Bellamy. *Marx's Ecology: Materialism and Nature*. New York: Monthly Review Press, 2000. Capítulos selecionados.

SAITO, Kohei. *Karl Marx's Ecosocialism: Capital, Nature, and the Unfinished Critique of Political Economy*. New York: Monthly Review Press, 2017. Capítulos selecionados.

Leituras complementares

BURKETT, Paul. *Marx and Nature: A Red and Green Perspective*. New York: St. Martin's Press, 1999.

FOSTER, John Bellamy; CLARK, Brett; YORK, Richard. *The Ecological Rift: Capitalism's War on the Earth*. New York: Monthly Review Press, 2010. Capítulos selecionados.

SAITO, Kohei. *Marx in the Anthropocene: Towards the Idea of Degrowth Communism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022. Capítulos selecionados.

Sessão 5 — Antropoceno, Capitaloceno e ecologia-mundo

Conteúdo

O conceito de Antropoceno e o colapso da distinção entre história natural e história humana. As quatro teses de Dipesh Chakrabarty. A crítica à humanidade abstrata como sujeito da crise. Capitaloceno, capitalismo fóssil e responsabilidade histórica. O capitalismo como forma de organizar a natureza. Naturezas baratas, trabalho barato e externalização dos custos de reprodução.

Questões orientadoras

- Quem é o *anthropos* do Antropoceno?
- A humanidade pode ser tratada como sujeito histórico da crise climática?
- O capitalismo age sobre uma natureza externa ou se constitui por meio dela?
- O conceito de Capitaloceno esclarece ou estreita excessivamente a análise da crise?

Leituras obrigatórias

CHAKRABARTY, Dipesh. The climate of history: four theses. *Critical Inquiry*, v. 35, n. 2, p. 197-222, 2009.

MOORE, Jason W. *Capitalism in the Web of Life: Ecology and the Accumulation of Capital*. London: Verso, 2015. Introdução e capítulos selecionados.

Leituras complementares

MOORE, Jason W. (org.). *Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism*. Oakland: PM Press, 2016.

MALM, Andreas. *Fossil Capital: The Rise of Steam Power and the Roots of Global Warming*. London: Verso, 2016. Introdução.

CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. The Anthropocene. *IGBP Newsletter*, n. 41, p. 17-18, 2000.

LATOUR, Bruno. *Facing Gaia: Eight Lectures on the New Climatic Regime*. Cambridge: Polity, 2017.

Sessão 6 — Capitalismo, condições de fundo e contradição ecológico-reprodutiva

Conteúdo

O capitalismo como ordem social institucionalizada. Produção, expropriação, reprodução social, natureza e poder público. As condições de fundo da acumulação. Crises ecológica, política e do cuidado. Mercadorias fictícias e autoproteção da sociedade. Externalização dos custos da prosperidade para territórios, grupos sociais e países periféricos. Reformas protetivas, desmercantilização e ecossocialismo.

Questões orientadoras

- O capitalismo pode ser definido apenas como modo de produção?
- Como a economia capitalista depende de condições que não produz?
- De que modo os custos ecológicos e reprodutivos são externalizados?
- Proteção social e regulação ambiental contêm ou apenas deslocam as contradições?

Leituras obrigatórias

FRASER, Nancy. Behind Marx's hidden abode: for an expanded conception of capitalism. *New Left Review*, n. 86, p. 55-72, 2014.

FRASER, Nancy. Climates of capital: for a trans-environmental eco-socialism. *New Left Review*, n. 127, p. 94-127, 2021.

Leituras complementares

FRASER, Nancy. *Cannibal Capitalism: How Our System is Devouring Democracy, Care, and the Planet — and What We Can Do About It*. London: Verso, 2022.

POLANYI, Karl. *A Grande Transformação: as Origens de Nossa Época*. Rio de Janeiro: Campus, 2000 [1944]. Capítulos selecionados.

LESSENICH, Stephan. *Living Well at Others' Expenses: The Hidden Costs of Western Prosperity*. Cambridge: Polity, 2019.

Sessão 7 — Das forças de reprodução à crise ecológica do trabalho

Conteúdo

A ampliação do conceito de trabalho para além do assalariamento industrial. Trabalho reprodutivo, comunitário, de subsistência e metaindustrial. Trabalhadores como forças de reprodução e sujeitos ecológicos. A formulação do conceito de crise ecológica do trabalho: obtenção dos meios de vida, reprodução das capacidades de trabalho, redistribuição dos custos e organização coletiva. Fronteiras e alcance do conceito.

Questões orientadoras

- Quem deve ser reconhecido como trabalhador numa sociologia ecológica do trabalho?
- Em que sentido os trabalhadores são “forças de reprodução”?
- Quando uma perturbação ambiental se converte em crise do trabalho?
- Como incorporar a resistência ao próprio conceito de crise sem pressupor que ela necessariamente ocorrerá?

Leituras obrigatórias

BARCA, Stefania. *Forces of Reproduction: Notes for a Counter-Hegemonic Anthropocene*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. Capítulos selecionados.

BARCA, Stefania. *Workers of the Earth: Labour, Ecology and Reproduction in the Age of Climate Change*. London: Pluto Press, 2024. Capítulos selecionados.

Leitura complementar

VELICU, Irina; BARCA, Stefania. The just transition and its work of inequality. *Sustainability: Science, Practice and Policy*, v. 16, n. 1, p. 263-273, 2020.

Sessão 8 — Corpo, calor e capacidade de trabalho

Conteúdo

O corpo como suporte biológico da atividade laboral e terreno de relações de poder. Estresse térmico, fadiga, desidratação, doenças renais, acidentes e redução das capacidades físicas e cognitivas. Jornada, intensidade, pausas, hidratação e direito de recusa. Exposição acumulada entre trabalho e moradia. Regimes de emprego, informalidade e capacidade desigual de adaptação.

Questões orientadoras

- Como processos fisiológicos se convertem em relações sociais e laborais?
- Quem pode interromper o trabalho diante do calor extremo?
- Como remuneração por tarefa ou desempenho altera a exposição?
- A proteção contra o calor deve ser tratada como saúde ocupacional, direito trabalhista ou política climática?

Leituras obrigatórias

DASGUPTA, Shouro et al. Heat stress and the labour force. *Nature Reviews Earth & Environment*, n. 5, p. 859-872, 2024.

KJELLSTROM, Tord et al. Heat, human performance, and occupational health: a key issue for the assessment of global climate change impacts. *Annual Review of Public Health*, v. 37, p. 97-112, 2016.

PALMEIRO-SILVA, Yasna et al. The 2024 South America ablaze: health impacts and policy imperatives for protecting population health in an era of wildfires. *The Lancet Regional Health – Americas*, v. 48, 2025.

Leituras complementares

FLOURIS, Andreas D. et al. Workers' health and productivity under occupational heat strain: a systematic review and meta-analysis. *The Lancet Planetary Health*, v. 2, n. 12, p. e521-e531, 2018.

PARSONS, Luke et al. Increased labor losses and decreased adaptation potential in a warmer world. *Nature Communications*, n. 12, art. 7286, 2021.

FOSTER, John Bellamy; CLARK, Brett. *The Robbery of Nature: Capitalism and the Ecological Rift*. New York: Monthly Review Press, 2020. Trechos sobre ruptura corporal.

Sessão 9 — Infraestruturas, cidades e reprodução da força de trabalho

Conteúdo

A virada infraestrutural nos estudos urbanos. Infraestruturas como sistemas materiais, instituições distributivas e condições cotidianas do trabalho. Água, energia, mobilidade, saneamento, drenagem, saúde e comunicação. Falhas infraestruturais e transferência de tempo, dinheiro e risco. Fragmentação urbana, periferias e vulnerabilidade climática. Pessoas como infraestrutura.

Questões orientadoras

- Por que as infraestruturas permanecem invisíveis enquanto funcionam?
- Como a interrupção de serviços se transforma em insegurança laboral?
- Qual a relação entre desigualdade urbana e capacidade de adaptação climática?
- Em que sentido redes sociais e comunitárias também constituem infraestruturas?

Leituras obrigatórias

STAR, Susan Leigh. The ethnography of infrastructure. *American Behavioral Scientist*, v. 43, n. 3, p. 377-391, 1999.

SIMONE, AbdouMaliq. People as infrastructure: intersecting fragments in Johannesburg. *Public Culture*, v. 16, n. 3, p. 407-429, 2004.

CAVALCANTI, Mariana; ARAÚJO, Marcella. Autoconstrução e produção da cidade: outra genealogia dos estudos de infraestruturas urbanas. *Estudos Avançados*, v. 37, n. 107, p. 7-24, 2023.

Leituras complementares

HARDOY, Jorgelina; PANDIELLA, Gustavo. Urban poverty and vulnerability to climate change in Latin America. *Environment and Urbanization*, v. 21, n. 1, p. 203-224, 2009.

GRAHAM, Stephen; MARVIN, Simon. *Splintering Urbanism: Networked Infrastructures, Technological Mobilities and the Urban Condition*. London: Routledge, 2001.

MARINO, Filipe U. Desafios da mobilidade urbana em contexto de mudanças climáticas. *Laje*, v. 4, n. 1, p. 230-255, 2025.

Sessão 10 — Cuidado, reprodução social e ecofeminismo

Conteúdo

A reprodução cotidiana das capacidades humanas. Trabalho remunerado e não remunerado de cuidado. Divisões de gênero, raça e classe. Degradação ambiental, expropriação territorial e ampliação do trabalho necessário à subsistência. Crise climática

e sobrecarga das famílias. O cuidado como amortecedor social e como forma comunitária de organização e resistência.

Questões orientadoras

- Como a crise climática redistribui o trabalho necessário à reprodução da vida?
- Por que os custos da adaptação recaem desproporcionalmente sobre as mulheres?
- O cuidado constitui uma condição externa ao trabalho produtivo ou parte do mesmo circuito?
- Como evitar reduzir a reprodução social ao trabalho doméstico ou à família?

Leituras obrigatórias

AGARWAL, Bina. The gender and environment debate: lessons from India. *Feminist Studies*, v. 18, n. 1, p. 119-158, 1992.

DI CHIRO, Giovanna. Living environmentalisms: coalition politics, social reproduction, and environmental justice. *Environmental Politics*, v. 17, n. 2, p. 276-298, 2008.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. A “crise do cuidado” e o cuidado na crise: refletindo a partir da experiência brasileira. *Sociologia & Antropologia*, v. 14, p. 1-22, 2024.

Leituras complementares

FERGUSON, Susan. *Women and Work: Feminism, Labour and Social Reproduction*. London: Pluto Press, 2020.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko (org.). *O gênero do cuidado: desigualdades, significações e identidades*. Cotia: Ateliê Editorial, 2020.

Sessão 11 — Ecologismo dos pobres e conflitos ecológico-distributivos

Conteúdo

A crítica às interpretações pós-materialistas do ambientalismo. Defesa das condições ecológicas de subsistência. Água, terra, floresta, pesca e território como meios de vida e de trabalho. Conflitos ecológico-distributivos e incomensurabilidade dos valores. Populações indígenas, camponeses, pescadores, comunidades tradicionais e trabalhadores. O Atlas de Justiça Ambiental e a formação de movimentos globais.

Questões orientadoras

- As lutas ambientais do Sul Global podem ser compreendidas como lutas do trabalho?
- O que está sendo distribuído nos conflitos ecológico-distributivos?
- Como valores econômicos, territoriais, culturais e ecológicos entram em conflito?

- Quem tem autoridade para definir os custos e benefícios de um empreendimento?

Leituras obrigatórias

MARTÍNEZ-ALIER, Joan. Political ecology, distributional conflicts and economic incommensurability. *New Left Review*, n. 211, p. 70-88, 1995.

MARTÍNEZ-ALIER, Joan. *The Environmentalism of the Poor: A Study of Ecological Conflicts and Valuation*. Cheltenham: Edward Elgar, 2002. Capítulos selecionados.

TEMPER, Leah; DEL BENE, Daniela; MARTÍNEZ-ALIER, Joan. Mapping the frontiers and front lines of global environmental justice: the EJAtlas. *Journal of Political Ecology*, v. 22, p. 255-278, 2015.

Sessão 12 — Justiça ambiental, justiça climática e desigualdades socioambientais

Conteúdo

As origens da justiça ambiental nas lutas contra o racismo ambiental. Distribuição desigual de riscos, danos e proteção. A ambientalização das lutas sociais no Brasil. Da justiça ambiental à justiça climática. Responsabilidades históricas, exposição presente e capacidades desiguais de resposta. Justiça distributiva, reconhecimento, participação e reparação. Classe, raça, gênero e território.

Questões orientadoras

- Qual a diferença entre desigualdade ambiental e injustiça ambiental?
- Como a justiça climática articula escalas locais, nacionais e globais?
- Quem é reconhecido como sujeito de direitos, conhecimento e decisão?
- Como a gramática da justiça climática modifica as lutas do trabalho?

Leituras obrigatórias

MARTÍNEZ-ALIER, Joan. *Land, Water, Air and Freedom: The Making of World Movements for Environmental Justice*. Cheltenham: Edward Elgar, 2023.

ACSELRAD, Henri. Ambientalização das lutas sociais: o caso do movimento por justiça ambiental. *Estudos Avançados*, v. 24, n. 68, p. 103-119, 2010.

SCHLOSBERG, David; COLLINS, Lisette B. From environmental to climate justice: climate change and the discourse of environmental justice. *WIREs Climate Change*, v. 5, n. 3, p. 359-374, 2014.

SULTANA, Farhana. Critical climate justice. *The Geographical Journal*, v. 188, n. 1, p. 118-124, 2022.

Leituras complementares

BULLARD, Robert D. *Dumping in Dixie: Race, Class, and Environmental Quality*. Boulder: Westview Press, 1990.

ACSELRAD, Henri. *Justiça Ambiental e Cidadania*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

PORTO, Marcelo Firpo; PACHECO, Tania; LEROY, Jean-Pierre (org.). *Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil: o Mapa de Conflitos*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

Sessão 13 — Transição justa, sindicalismo e democratização da transformação ecológica

Conteúdo

A origem sindical da transição justa. Da proteção de trabalhadores de setores poluentes à institucionalização internacional do conceito. Diretrizes da OIT e negociações climáticas. Versões minimalistas, gerenciais e transformadoras. Compensação, requalificação, proteção social e criação de empregos. Democratização das decisões sobre energia, tecnologia, produção e território. Os limites de uma transição centrada no emprego formal, masculino e industrial.

Questões orientadoras

- O que deve ser objeto de justiça durante a transição?
- Quem é incluído e quem permanece fora das políticas de transição justa?
- A preservação dos empregos existentes pode entrar em conflito com a transformação ecológica?
- Uma transição pode ser considerada justa sem alterar relações de propriedade e decisão?

Leituras obrigatórias

STEVIS, Dimitris. A globalização da transição justa no mundo do trabalho: políticas de escala e de escopo. *Tempo Social*, v. 33, n. 2, 2021.

NEWELL, Peter; MULVANEY, Dustin. The political economy of the “just transition”. *The Geographical Journal*, v. 179, n. 2, p. 132-140, 2013.

VELICU, Irina; BARCA, Stefania. The just transition and its work of inequality. *Sustainability: Science, Practice and Policy*, v. 16, n. 1, p. 263-273, 2020.

Leituras complementares

ILO. *Guidelines for a Just Transition towards Environmentally Sustainable Economies and Societies for All*. Geneva: International Labour Organization, 2015.

- STEVIS, Dimitris; FELLI, Romain. Global labour unions and just transition politics. *International Environmental Agreements*, v. 15, n. 1, p. 29-43, 2015.
- MORENA, Edouard; KRAUSE, Dunja; STEVIS, Dimitris (org.). *Just Transitions: Social Justice in the Shift towards a Low-Carbon World*. London: Pluto Press, 2020.
- THOMAS, Adrien. Framing the just transition: how international trade unions engage with UN climate negotiations. *Global Environmental Change*, v. 70, 2021.

Sessão 14 — Sul Global, extrativismo e consenso da descarbonização

Conteúdo

A inserção subordinada das economias periféricas na divisão internacional do trabalho. Dependência exportadora, extrativismo e conflitos territoriais. Consenso das commodities e consenso da descarbonização. Mineração de lítio, cobre, níquel e outros minerais estratégicos. Infraestruturas “verdes”, mercados de carbono e novas formas de expropriação. Zonas de sacrifício verde. Colonialidade e transferência internacional dos custos ecológicos.

Questões orientadoras

- A transição energética altera ou reproduz a divisão internacional do trabalho?
- O que diferencia descarbonização de transformação socioecológica?
- Tecnologias de baixo carbono podem produzir novos territórios de sacrifício?
- Como combinar justiça climática global, soberania, direitos territoriais e criação de trabalho?

Leituras obrigatórias

- SVAMPA, Maristella. Commodities consensus: neoextractivism and enclosure of the commons in Latin America. *South Atlantic Quarterly*, v. 114, n. 1, p. 65-82, 2015.
- BRINGEL, Breno; SVAMPA, Maristella. *Del “Consenso de los Commodities” al “Consenso de la Descarbonización”*. Buenos Aires: CLACSO, 2023.
- ZOGRAFOS, Christos; ROBBINS, Paul. Green sacrifice zones, or why a Green New Deal cannot ignore the cost shifts of just transitions. *One Earth*, v. 3, n. 5, p. 543-546, 2020.

Leituras complementares

- SVAMPA, Maristella. *Neo-Extractivism in Latin America: Socio-Environmental Conflicts, the Territorial Turn, and New Political Narratives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- GARCÍA, Angela Kronenburg; WIEGINK, Nikkie. Mining the energy transition: an introduction. *Anthropological Quarterly*, v. 97, n. 2, p. 311-327, 2024.

DUNLAP, Alexander; BROCK, Andrea. Renegade infrastructure: accumulation by restoration and the political ecology of the green economy. *Globalizations*, v. 19, n. 7, p. 1005-1021, 2022.

Sessão 15 — O Brasil como observatório da crise ecológica do trabalho

Conteúdo

Síntese e aplicação da matriz analítica. Calor, informalidade e trabalho por plataformas. Enchentes, infraestrutura urbana e reprodução social. Amazônia, Pantanal, incêndios, secas e destruição de meios de subsistência. Regimes de trabalho, corpo, infraestrutura e cuidado. Distribuição dos custos entre empresas, Estado, famílias e comunidades. Formas de organização e resistência. Construção de uma agenda brasileira de pesquisas.

A sessão poderá ser organizada em três estudos de caso:

1. Trabalho por plataformas, exposição climática e proteção social.
2. Enchentes no Rio Grande do Sul, falhas infraestruturais e organização comunitária do cuidado.
3. Amazônia e Pantanal: território, trabalho, fogo e meios de subsistência.

Questões orientadoras

- Como a informalidade transforma exposição ambiental em insegurança laboral?
- Quando um desastre ambiental se converte em crise de reprodução da força de trabalho?
- Como territórios constituem simultaneamente meios de vida, meios de trabalho e condições de reprodução cultural?
- Que formas de ação coletiva emergem diante da crise e quais são bloqueadas?
- Como transformar a matriz conceitual do curso em um programa comparativo de pesquisa?

Leituras obrigatórias

ABÍLIO, Ludmila C. Uberização: a era do trabalhador *just-in-time*? *Estudos Avançados*, v. 34, n. 98, p. 111-126, 2020.

ABÍLIO, Ludmila C.; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. *Sociologias*, v. 23, n. 57, p. 26-56, 2021.

CEPAL. *Avaliação dos Efeitos e Impactos das Inundações no Rio Grande do Sul*. Santiago: Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, 2024. Trechos selecionados.

Leituras complementares

KREIN, José Dari. O desmonte dos direitos, as novas configurações do trabalho e o esvaziamento da ação coletiva. *Tempo Social*, v. 30, n. 1, p. 77-104, 2018.

IPEA. *Uma Estimativa da População Atingida pelas Enchentes do Rio Grande do Sul em 2024*. Brasília: Ipea, 2024.

PORTO, Marcelo Firpo; PACHECO, Tania; LEROY, Jean-Pierre (org.). *Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil: o Mapa de Conflitos*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

DINÂMICA DO CURSO

As sessões serão organizadas em torno da discussão coletiva das leituras. A exposição do professor deverá reconstruir o problema teórico de cada encontro, situar os textos na arquitetura geral do curso e explicitar suas relações com o conceito de crise ecológica do trabalho.

A partir da segunda sessão, um ou mais estudantes ficarão responsáveis por uma apresentação inicial que:

1. reconstrua o argumento principal dos textos;
2. identifique seus conceitos centrais;
3. explicita convergências e divergências entre os autores;
4. formule questões para discussão;
5. explore as implicações dos textos para a sociologia do trabalho.

Nas últimas sessões, os estudantes deverão aplicar a matriz do curso a situações empíricas, identificando:

- a perturbação ecológica;
- o regime de trabalho afetado;
- as mediações entre corpo, infraestrutura e cuidado;
- a distribuição dos custos entre empresas, Estado, famílias e comunidades;
- os efeitos sobre renda, saúde, tempo, mobilidade e poder de negociação;
- as desigualdades de classe, gênero, raça, território e geração;
- as formas de resistência, organização coletiva e formulação de projetos alternativos.

AValiação

- Participação nas discussões e elaboração de questões sobre as leituras: **50%**.
- Apresentação de seminário: **50%**.